



Grupo Lume retorna ao Rio com espetáculo sobre memória

PÁGINA 5



Blue Note Rio abre as portas só para cantoras em março

PÁGINA 6



A chapa esquenta em março para o cinema brasileiro com 'Velhos Bandidos', estrelado por Fernanda Montenegro e Ary Fontoura

O CARDÁPIO CINEFILO DE MARÇO

Além da **cerimônia do Oscar**, o novo mês está **apinhado de estreias** nas telas brasileiras, com destaque para **o nacional 'Velhos Bandidos'**, uma trama com **Fernanda Montenegro e Ary Fontoura**. Páginas 2 e 3

Conspiração - Paris

Niko Tavernise/Warner Bros



Jessie Buckley e Christian Bale em 'A Noiva', releitura feminista do clássico do terror de Mary Shelley

ÁGUAS (e telas) DE MARÇO

Uma cartografia das atrações imperdíveis para um mês que abrange do Dia Internacional da Mulher ao Oscar, pavimentando o mercado para os grandes lançamentos do ano

no ao audiovisual brasileiro. No fecho destes 31 dias, em 29/3, rola uma festa religiosa de peso para os católicos: o Domingo de Ramos, espécie de esquentar para a Páscoa.

No meio de tanto compromisso e efeméride, o cinema – já quite com seus compromissos com a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana – entra numa fase crucial para seu planejamento anual. É no mês três que se apontam os potenciais sucessos e possíveis veios estéticos que pavimentarão a saúde financeira do mercado distribuidor e exibidor no primeiro semestre, antes de começar a temporada de blockbusters do Verão americano. É uma época de ouro para produções de médio porte, para animações e para experimentos autorais de risco.

É esse o caso do thriller de horror "A Noiva!" ("The Bride"), releitura que a atriz e cineasta Maggie Gyllenhaal fez do mito de Frankenstein, com Jessie Buckley no papel título e Christian Bale como o monstro. Estreia nesta quinta.

Nesta quinta (5), a Disney busca um espaço para si com "Cara de Um, Focinho do Outro" ("Hoppers"), animando multiplexes. A protagonista, Mabel, é uma jovem que ama e protege a natureza. Para impedir que um bosque que abriga os animais seja destruído, ela transfere sua mente para um castor robótico realista. Infiltrada no mundo selvagem, Mabel une forças aos bichos em prol da ecologia.

Se você não dá a menor pelota para o Mickey Mouse e odeia tramas animadas, não esquenta: na quinta tem o thriller psicológico com pinta de horror "Mother's Baby", de Johanna Moder, vindo da Áustria. A saga da regente (papel de Marie Leuenberger) que sofre um piripaque após ter neném, arranhando o limite do assombro, traz Claes Bang no papel de um

'A Mensageira' (El Mensaje), da Argentina, amplia a participação da América do Sul no circuito



Rita Cine

Conspiração - Paris

A nata do teatro e da TV se junta a novas gerações do audiovisual em 'Velhos Bandidos'





'Cara de Um, Focinho de Outro', a aposta peso-pesado da Disney/Pixar para o primeiro semestre



'Nuremberg' concorreu à Concha de Ouro de San Sebastián



Ryan Gosling desbrava o espaço em 'Devoradores de Estrelas'

cientista sinistro.

No dia 12, outra animação de fôlego estreia entre nós: “A Pequena Amélia” (“Amélie et la Métaphysique des Tubes”), um desenho franco-belga de Mailys Vallade e Liane-Cho Han. Passou pelos festivais de Cannes e de San

Sebastián cercado-se de loas e se posicionou bem entre os oscarizáveis. Nesses eventos europeus, a adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos – tornou-se um ímã de

aplauso.

Também no dia 12, o cinema brasileiro vai se fazer notar (e brilhar) com “Hora do Recreio”, de Lucia Murat, laureado com um a menção honrosa na Berlinale de 2025. A diretora de “Quase 2 Irmãos” (2004) retrata a reação

de uma série de alunas/es/os a uma pesquisa com professores da rede pública. As turmas ali documentadas discutem temas como evasão escolar, racismo, tráfico de drogas, bala perdida, feminicídio e gravidez precoce, além de performarem uma peça de teatro baseada no livro “Clara dos Anjos”. Por meio dessa dramatização, realizada por atores dos grupos Nós do Morro, do Vidigal; Grupo de Teatro Vozes, do Cantagalo; e Instituto Arteiros, da Cidade de Deus, alunas e alunos em cena compararam as interpretações às suas vivências.

Nessa mesma data, o maior ferrabrás do cinema de ação pós Sylvester Stallone, o inglês Jason Statham, senta o braço em gente má que ameaça a filha de um amigo em “Missão Refúgio” (“Shelter”), para delírio dos fãs de adrenalina. A direção é do ex-dublê Ric Roman Waugh.

No dia 19/3, nuestros hermanos argentinos trazem entre nós o longa que ganhou o Prêmio do Júri da Berlinale de 2025: “A Mensageira” (“El Mensaje”), de Iván Fund. Um toque de fantasia sobrenatural assegura encantamento a esse road movie em preto e branco. O Prêmio do Júri que recebeu em telas berlinenses comprovou o vigor de sua realização. Na direção Fund apela para a linguagem visual em P&B para criar uma narrativa de tintas fantásticas sobre uma menina com o dom de falar com animais mortos. O clima de sua vida não é de espanto, apesar do que a premissa sugere, mas, sim, de doçura. Um de seus cuidadores é interpretado pelo gênio Marcelo Subiotto, o Ricardo Darín dos anos 2020.

“A Mensageira” abre telas no mesmo dia em que Hollywood lança seu maior ímã de plateias do mês: “Devoradores de Estrelas” (“Project Hail Mary”), de

Phil Lord e Christopher Miller. O nome Ryan Gosling faísca em seus créditos. No enredo, o professor de ciências Ryland Grace (Ryan Gosling) acorda em uma espaçonave, nos confins do cosmo, sem nenhuma lembrança de quem é ou como chegou ali. À medida que sua memória retorna, ele começa a descobrir sua missão: resolver o enigma de uma substância misteriosa que está fazendo o Sol morrer. Ele precisará recorrer ao seu conhecimento científico e a ideias nada convencionais para salvar tudo na Terra da extinção. A atriz alemã Sandra Hüller (de “Anatomia de uma Queda”) integra o elenco.

No dia 26, a chapa esquenta para os cinemas com a chegada do melhor filme que passou pelo último Festival de San Sebastián, na Espanha, setembro passado: “Nuremberg”, de James Vanderbilt. Em seu segundo trabalho de direção, construído nas mesmas bases políticas de seu trabalho anterior (“Conspiração e Poder”, de 2015), o prolífico produtor de “Zodíaco” (2007) deu ao público de Donostia seu momento mais “cinemão” de 2025, num espetáculo à moda clássica sobre o julgamento do líder nazista Hermann Göring. A presença de um Russell Crowe afinado de brilhar catapulta às alturas o que poderia ser um thriller jurídico corriqueiro, com atuações inflamáveis de Richard E. Grant, Michael Shannon e Rami Malek, o Freddie Mercury de “Bohemian Rhapsody”. O roteiro traz um diálogo fascinante após o outro.

Nessa mesma data, o Chile se faz notar com a produção que lhe rendeu o Prix Un Certain Regard no Festival de Cannes: “O Olhar Misterioso do Flamingo” (“La Misteriosa Mirada Del Flamenco”), de Diego Céspedes. O Festival do Rio, em outubro, acolheu Céspedes e o ator Matias Catalán, estrela n.1 dessa produção, que foi um acontecimento na Croisette. Filas gigantes se formaram nas projeções dessa reconstituição histórica da vida chilena do início dos anos 1980, numa área de mineração na qual um cabaré de mulheres trans e travestis enfrenta o boom da Aids sob a fúria da população masculina de trabalhadores.

No pacote de lançamentos de março, dia 26, o Brasil volta a alardear seu viço cinematográfico com o aguardado thriller cômico “Velhos Bandidos”. Dirigido por Claudio Torres (“Redentor”), o longa acompanha o casal Marta e Rodolfo, interpretado por Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, na execução de um ousado assalto a banco ao lado de meliantes mais moços, vividos por Bruna Marquezine e Vladimir Brichta. Um investigador de faro fino (Lázaro Ramos) estará na cola dos larápios, ampliando a chance de o nosso cinema emplacar seu primeiro fenômeno de arrecadação de 2026. Março promete!



O coito Marwan (Omar Sy) almeja um futuro melhor pra o filho em 'O Caso dos Estrangeiros', que ganha telas em nosso circuito

CORAL DE desigualdades

Premiado pela Anistia Internacional na Berlinale, há dois anos, 'O Caso dos Estrangeiros', com Omar Sy, enfim encontra vaga no circuito nacional, eletrizando plateias ao falar de refugiados



Famílias sírias são dilaceradas pela guerra em 'O Caso dos Estrangeiros'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Só duas salas de exibição no Rio de Janeiro inteiro, o UCI do New York City Center e o Cinemark Downtown, ambas na Barra, acolhem o eletrizante misto de melodrama e thriller que ganhou o Prêmio da Anistia Internacional do Festival de Berlim em... 2024: "O Caso Dos Estrangeiros" ("A Stranger's Case"). Apesar da presença de um astro de fama intercontinental como Omar

Sy, a produção, com CEP na Jordânia, dirigida pelo produtor de Brandt Andersen, só alcançou lugar em tela agora, num momento de tensão mundial, por conta das ações de Trump no Irã. Quem se arrisca a provar dessa iguaria, trazida até nós pelo Angel Studios, reconhece que a espera foi compensada por uma narrativa coral que lembra "Babel" (2006) e "Crash – No Limite" (2005), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro.

É feroz a forma com que seu roteiro expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um

soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Sy cruza o caminho de todos, com seu caráter nada louvável.

O longa marcou a estreia de Andersen na direção de longas, sendo que ele penou para poder viabilizar sua ideia. O cineasta escreveu o roteiro em 2017, depois de Trump impor uma proibição de laptops em voos com destino aos Estados Unidos partindo de certos aeroportos do Oriente Médio. Como não conseguiu viabilizar a trama que escreveu, por falta de recursos, o realizador optou por fazer uma versão curta, intitulada "Refugee" e finali-

zada em 2020. Sy se manteve ao seu lado e ficou no elenco.

"Todo filme tem um lugar na tela, e, quando se trata de narrativas de gênero, elas ganham espaço quando fazem a nossa cabeça pensar sobre a realidade à nossa volta", respondeu Sy ao Correio da Manhã, em sua passagem pelo júri oficial do Festival de Cannes, logo após "O Caso dos Estrangeiros" estreiar na Berlinale.

A versão longa, feita por Andersen, teve suas filmagens na já citada Jordânia, na Turquia e em Chicago. Sua edição final, com montagem de Jeff Seibeneck, dividiu a dramatur-

gia em cinco capítulos: A Médica; O Soldado; O Traficante De Pessoas; O Poeta; e O Capitão. Cada um desses sujeitos complementa os predicados do outros.

Toda a equipe e o elenco se comportavam como se estivessem em uma missão de paz. O resultado é um entroncamento de cinco histórias, com foco no calvário de refugiados. Obra-prima de Dennis Villeneuve, "Incêndios" (2010), é uma referência que vem de imediato à cabeça em meio às estratégias buscadas por famílias oprimidas para fugir. Uma das situações que mais tocam a plateia é o sofrimento de Amira Homs (Yasmine Al Massri), uma faxineira nascida na Síria e que trabalha em um hospital. O filme avança oito anos no tempo e a encontramos como médica, a trabalho de um hospital em Aleppo, repleto de civis e soldados feridos pela guerra. Durante um jantar em sua casa com toda a sua família, uma bomba explode e mata a todos, sobrando ela e sua filha pequena. Elas decidem fugir para a Grécia, para onde boa parte da população em seu entorno almeja se instalar para escapar dos horrores da guerra. Mas durante a sua travessia, ela se depara com tipos que tornam a jornada quase impossível.

Quarto dos oitos filhos da faxineira mauritana Diaritou e do mecânico senegalês Demba, Omar Sy tem um desempenho notável em "O Caso dos Estrangeiros", que vai sendo desenhado em cena conforme acompanhamos o tom de empatia de seu personagem. Ele vive o atravessador de imigrantes (ou, no jargão policial, "coito") Marwan, sempre cruel ao extorquir "clientes" em trânsito. Se numa certa perspectiva ele parece desumano e vil, no trato com o filho pequeno ele é a mais amorosa das criaturas, sonhando com dias nos quais os dois terão sossego juntos.

"Tento sempre estar atento às histórias de opressão, principalmente aquelas que formalizam a agressão sobre os corpos negros a partir de uma farda", disse Sy ao Correio da Manhã durante o Festival de Berlim, em meio ao lançamento de "Polícia: Turno da Noite" ("Police", 2020), dirigido pela franco-luxemburguesa Anne Fontaine, que ficou inédito em telonas nacionais.

Nele, temos uma crônica tensa sobre a jornada de três policiais (Virginie Efira, Omar Sy e o surpreendente Grégory Gadebois) empenhados em levar um refugiado (Payman Maadi, de "A Separação") ao Charles De Gaulle, a fim de deportá-lo para a pátria onde ele sofreu toda a sorte de mazelas.

"Estive em outros filmes que também mostram essa obrigatoriedade servil que foi imposta a populações negras. Tento entender a cabeça de pessoas forçadas a lutar por um continente que não é o seu", disse Sy ao Correio, em meio às filmagens do eletrizante "Shadow Force - Sentença de Morte", com direção de Joe Carnahan.

Tina Coelho/Divulgação



O grupo Lume Teatro, que já se apresentou em mais de 30 países ao longo de mais de quatro décadas, tem no espetáculo uma síntese de sua metodologia de pesquisa cênica

OURO NAS FRATURAS

Vem do Japão uma prática milenar que repara cerâmicas quebradas com ouro, tornando a peça restaurada mais valiosa do que era antes da fratura. É dessa filosofia, o kintsugi, que o Grupo Lume Teatro parte para construir “Kintsugi, 100 memórias” que estreia nesta quarta (4) no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

O espetáculo é dirigido pelo argentino Emilio García Wehbi, performer e artista visual do grupo El Periférico de Objetos, conhecido internacionalmente por suas investigações no cruzamento entre linguagens cênicas. A dramaturgia é assinada pelo carioca Pedro Kosovski, vencedor dos principais prêmios de artes cênicas do Brasil. Juntos, Wehbi e Kosovski costuraram uma obra autoficcional e fragmentária que parte do Mal de Alzheimer como metáfora para investigar o esquecimento como gesto político — uma arqueologia das memórias que o Brasil preferiria deixar quietas.

“O espetáculo não busca uma narrativa linear ou bucólica. Pelo contrário, é um exercício do presente: um reencontro com a dor como ato de superação e uma tentativa de corrigir o futuro ao encarar as fissuras do passado”, define Wehbi.

O processo criativo teve início em 2016, quando o país atravessava um momento de intensa turbulên-

O Grupo Lume Teatro retorna ao Rio após uma década com espetáculo que transforma memória, esquecimento e política em matéria cênica

cia democrática. Não por acaso, a data ressoa no próprio espetáculo. “O mal de Alzheimer foi o disparador do processo, que cobrou da equipe de criação ir além da doença, porque esta é incurável e irreparável. As dinâmicas sociais e políticas são passíveis de interferência, de restauração, de correção de rumo. Foi para este norte que miramos nossa bússola durante o processo de criação, iniciado em 2016, quando o país atravessava um momento sombrio e nossa frágil democracia — resgatada em 1985, ano de criação, coincidentemente, do Lume — era percebida à mercê de uma ruptura”,

afirma Kosovski.

Para dar corpo à pesquisa, os atores passaram meses visitando a ala neurológica do Hospital das Clínicas da Unicamp, onde conversaram com especialistas, familiares e pacientes com demência. Em outro momento, já com o espetáculo montado, o grupo viajou para Angostura, na Colômbia, para aprofundar os estudos sobre a temática. No palco, 100 objetos e referências concretas servem de suporte para as memórias dos intérpretes, do grupo e da história do Brasil — da ditadura à atualidade: relíquias de família, fotografias, diários, uma coleção de moedas, revistas e peças de roupa. A peça se abre com um brinde seguido do estilhaçamento de um vaso de cerâmica, ação que coloca imediatamente a questão central da montagem: o que fazer com os fragmentos do que se quebrou?

“A concepção do espetáculo parte da premissa do reconhecimento das fraturas, das rupturas inexoráveis da existência, sejam elas individuais ou coletivas. Investigamos o esquecimento por opção: aquelas sombras que queremos deixar quietas; vasculhamos também o apagamento da memória como projeto e como isso se reflete na irracionalidade política do nosso país. Reconhecimento e acolhimento são os primeiros passos para viabilizar a reparação, a reconstrução daquilo que um dia foi íntegro”, opina o ator Jessor de Souza, integrante do elenco.

“O mal de Alzheimer foi o disparador do processo, que cobrou da equipe de criação ir além da doença, porque esta é incurável e irreparável. As dinâmicas sociais e políticas são passíveis de interferência, de restauração, de correção de rumo”

PEDRO KOSOVSKI

Sua colega Ana Cristina Colla aprofunda essa leitura. “As memórias apresentadas buscam revelar cicatrizes, escancarar fissuras, expor as imperfeições que nos constituem, promovendo, ao mesmo tempo, sua reparação, iluminando-as, buscando acolhê-las e valorizá-las, compreendendo-as como fundantes de quem somos, como indivíduos, como coletivo, como país.”

A trilha sonora do espetáculo, assinada por Janete El Haouli e José Augusto Mannis, oferece uma camada dramática independente. Inspirados pela comprovação científica de que a música consegue con-

tornar o hipocampo em pacientes com Alzheimer e acessar memórias perdidas, os músicos criaram o que denominam um “bordado sonoro” a partir de releituras dos Nocturnos de Chopin. “Os pacientes acometidos com a doença perdem a capacidade de acessar as memórias; é como se o caminho que liga o desejo de lembrar e a lembrança propriamente fosse subtraído. As músicas antigas e conhecidas driblam o hipocampo, ativando áreas emocionais e motoras, estimulando áreas cerebrais preservadas, promovendo o resgate da identidade e conduzindo os pacientes a uma reconexão pela via do afeto e da sensibilidade”, explicam os criadores da trilha. “A música e a projeção acústica buscam criar pontes entre elenco e cada espectador, entre a autoficção apresentada e as memórias eventualmente revisitadas, criando um vapor de som com a potência de acordar, justamente, memórias”, completa o ator Renato Ferracini.

Antes da temporada carioca, o espetáculo passou por São Paulo, pelo CCBB Belo Horizonte e percorreu os principais festivais de teatro do Brasil, além de temporadas em Portugal e Costa Rica. Após o Rio, segue para o CCBB Brasília.

Para Kosovski, “Kintsugi, 100 memórias” é, em última instância, um gesto de resistência: “A peça propõe uma utopia do mover-se, não estagnar. A vida é movimento. A arte é transformadora, e é nisso que o Lume acredita, buscando promover transformações durante todos esses anos através de suas obras.”

SERVIÇO

KINTSUGI, 100 MEMÓRIAS

Teatro III CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 — Centro)

De 4 a 29/3, de quarta a sábado (19h) e domingos (18h) Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Taryn



Wanda Sá



Juliane Gamboa

ELAS CANTAM (e encantam)

Blue Note Rio dedica março ao protagonismo feminino na música, com programação que reúne artistas de diferentes gerações em shows que vão da bossa nova ao rock, passando pelo jazz, soul e MPB

AFFONSO NUNES

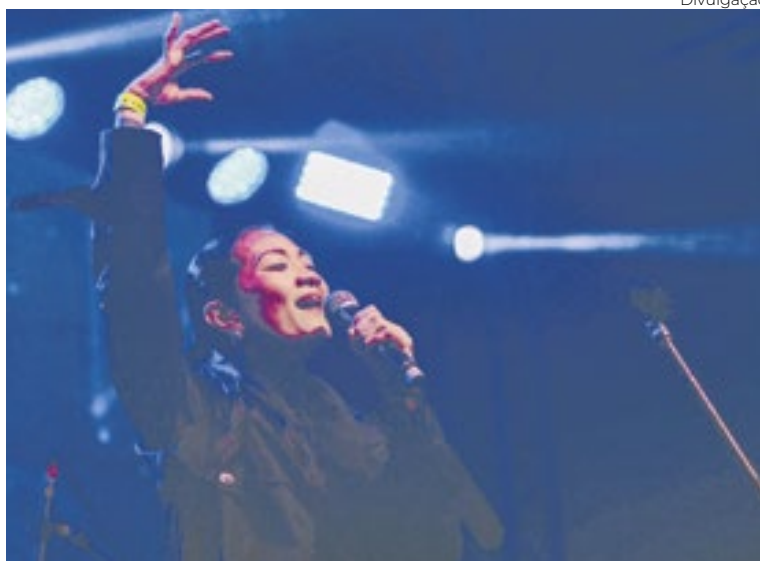
Março no Blue Note Rio é tempo de palco para as mulheres. Durante todo o mês em que se celebra o Dia Internacional da Mulher, a casa dedica sua programação ao protagonismo feminino, reunindo artistas de diferentes gerações, estilos e trajetórias. A iniciativa, que em 2025 conquistou o Selo Igual — reconhecimento concedido pelo Womens Music Event (WME), o maior evento voltado às mulheres da música no Brasil —, chega ao terceiro ano consecutivo em parceria

com a União Brasileira de Compositores (UBC).

A programação começa nesta quarta-feira (4) com Wanda Sá, uma das vozes mais emblemáticas da Bossa Nova brasileira, que celebra seus 80 anos no palco do Blue Note. Dona de uma trajetória construída ao lado de compositores como Carlos Lyra, Roberto Menescal, Marcos Valle, João Donato e Tom Jobim, Wanda apresenta show comemorativo com músicas de seu novo álbum — com canções inéditas compostas especialmente para ela — ao lado dos músicos Flavio Mendes e Jefferson Lescowich. Na sequência da mesma noite, Marina Braga apresenta “De Billie a Badu – Jazz Ladies”, percorrendo sete nomes fundamentais da música mundial: Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Madeleine Peyroux, Norah Jones, Sade, Amy Winehouse e Erykah Badu, num repertório que cruza o jazz clássico, o soul, o R&B e o neosoul.

No dia 5, Juliane Gamboa traz ao Blue Note o show “Jazzwoman”, espetáculo que navega pelo repertório de seu álbum de estreia, lançado pela Biscoito Fino, uma exaltação à autonomia da mulher preta. Com músicas como “Transeunte”, “Eu Sou Mulher” e “Herança”, Gamboa retorna à casa onde fez seu lançamento com casa cheia e aplausos de pé. Na mesma noite, Tamara Salles apresenta “Elas Cantam”, conectando o legado de Ella Fitzgerald, Nina Simone e Aretha Franklin à sofisticação contemporânea de Amy Winehouse e Lauryn Hill.

A sexta-feira (6) traz Daíra em espetáculo que celebra os 80 anos de Belchior e os 10 anos do projeto Amar e Mudar as Coisas, revisitando clássicos como “Alucinação” e “Coração Selvagem”. Ainda no dia 6, Julia Landen apresenta “Jazz é Pop! – Especial Mulheres”, propondo releituras jazzísticas de canções



Yumi Park



Liz Rosa

compostas por mulheres ou centradas na experiência feminina.

O sábado (7) reserva dois momentos distintos. Taryn, cantora, atriz e dubladora, apresenta “Elas cantam através de mim”, espetáculo que percorre vozes de Billie Holiday, Nina Simone, Elis Regina, Janis Joplin, Rita Lee e Tina Turner, com arranjos contemporâneos costurados por poemas de Clarice Lispector e Anaís Nin. Mais tarde, Duda Brack entrega “Voz & So-

lido”, show intimista nascido no isolamento social, com apenas voz e violão e repertório que muda a cada apresentação conforme as canções que tocam a artista naquele momento.

O ponto alto da programação especial chega no domingo (8), Dia Internacional da Mulher. A cantora potiguar Liz Rosa estreia no Blue Note o show “O Suingue é Delas”, dedicado a Elis Regina, Leny Andrade, Claudya, Joyce e Tania

Maria — artistas que moldaram a identidade do samba-jazz brasileiro. Acompanhada por um power trio formado por Martché (piano), Berval Moraes (contrabaixo) e Fofó Black (bateria), Liz apresenta um repertório que vai de clássicos como “Influência do Jazz” e “O Morro Não Tem Vez” a obras menos conhecidas, como “Seu Dia Vai Chegar”, de Tania Maria, e “Mingus, Miles e Coltrane”, de Joyce.

A segunda semana mantém o ritmo. Yumi Park apresenta o show do EP “Desconstrução”, celebrando a música instrumental brasileira e o samba-jazz. No dia 12, Sol Pellegrini presta tributo aos 80 anos de nascimento de Gonzaguinha; na sequência, Taís Feijão apresenta “As Brasilidades de Taís Feijão”, com participação especial de Natascha Falcão. No dia 13, Lara Estelita estreia “Jeito Lindo”, novo show que chega precedido de mais de um milhão de plays nas plataformas. No sábado seguinte, Betta sobe ao palco com tributo visceral à obra de Alanis Morissette, revisitando hinos como “You Oughta Know” e “Ironic”.

A programação segue até o final do mês com Miranda Kassin e o projeto acústico “Tiny Amy”, dedicado a Amy Winehouse; Alegria com “Tribute to Sade”; a alemã Alma Naidu, considerada uma das vozes mais requisitadas da jovem cena jazzística europeia, em sua primeira visita ao Rio; Delia Fischer estreando o show solo “Solar”; Natascha Falcão com voz e sanfona em diálogo entre a música nordestina e o jazz; Roberta Spindel com “Sempre Será”; Watusi contando sua trajetória artística desde o Moulin Rouge de Paris; Sonja cantando blues e soul; e Paola Lappicy encerrando o mês com o lançamento do álbum “Coisas que eu quis te dizer antes de tudo acabar”.

SERVIÇO PROGRAMAÇÃO MÊS DAS MULHERES

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
De 4 a 29/3
Ingressos: plataforma Sympla, com 50% de desconto para associados UBC e cadastrados no WME

AFFONSO NUNES

Sessenta anos de estrada e o público ainda canta junto. É assim que o The Fevers chega ao Teatro Riachuelo nesta quarta-feira (4) com show de sua turnê “60 Anos de Sucesso” — um percurso que atravessa o Brasil levando canções como “Mar de Rosas” e “Vem me Ajudar” para plateias que as conhecem de cor, seja porque as viveram na origem ou porque as herdaram de quem viveu.

Formado em 1965 na zona norte carioca por jovens colegiais tomados pelo entusiasmo dos Beatles e da Jovem Guarda, o grupo batizou-se a partir do hit “Fever”, de Elvis Presley, e não demorou para se firmar como um dos nomes centrais daquela geração que descobriu o rock em português. Com mais de 50 produtos lançados entre vinis, cassetes, CDs e DVDs, a banda também escreveu parte da trilha sonora da teledramaturgia brasileira nos anos 1980, assinando as aberturas de novelas da Rede Globo como Elas por Elas e Guerra dos Sexos. Ao longo do caminho, os Fevers acompanharam nomes como Cassiano, Clara Nunes, Erasmo Carlos, Roberto Carlos e Ronnie Von, e serviram de celeiro para produtores, compositores e diretores de gravadoras que surgiram de dentro da própria banda.

O baixista e fundador Liebert Ferreira, uma das âncoras da longevidade do grupo, traduz com simplicidade o que mantém a banda na estrada: “A cada dia seguimos com o público cantando junto as nossas canções. São músicas que marcaram a vida das pessoas e até hoje temos que tocá-las, pois o público quer ouvi-las. Toda vez que fazemos um show, o público canta e dança com a gente, e isso nos dá muita felicidade. Tomara que a gente dure ainda muitos e muitos anos.”

A formação atual reúne músicos que chegaram em momen-



O The Fevers em sua atual formação: 60 anos de estrada

Os Reis do Baile

The Fevers leva turnê comemorativa de 60 anos ao Teatro Riachuelo com repertório que atravessa gerações e reúne clássicos da Jovem Guarda ao pop

tos distintos dessa história, cada um com sua própria relação com o legado do grupo. O tecladista

Claudio Mendes, que nem havia nascido quando os Fevers davam os primeiros passos, vê na banda

“A cada dia seguimos com o público cantando junto as nossas canções. São músicas que marcaram a vida das pessoas”

LIEBERT FERREIRA

uma ponte direta com a música que moldou sua formação: “The Fevers estava lá. Hoje, me orgulha

fazer parte dessa trupe e compartilhar momento tão especial.” O guitarrista Cesar Lemos, que voltou recentemente à formação, define os 60 anos como “uma trajetória admirável, emplacando sucessos que atravessaram décadas, embalando e emocionando corações de milhões dentro e fora do Brasil.” O baterista Otávio Henrique sintetiza o espírito coletivo que move a banda: “Não importa a distância — nós estaremos lá, pois a festa não pode parar.” O palco do Riachuelo recebe tudo isso na próxima quarta.

SERVIÇO
THE FEVERS - TURNÊ 60 ANOS DE CARREIRA
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38/40 — Centro)
4/3, às 20h
Ingressos: Plateia VIP: R\$ 150, plateia: R\$ 130, balcão nobre: R\$ 100 e balcão: R\$ 50

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Duke Ellington sempre

O Audio Rebel recebe nesta quarta-feira (4), às 20h, espetáculo especial dedicado à obra de Duke Ellington (1899–1974), pianista, compositor e bandleader americano considerado um dos maiores nomes da história do jazz. Com mais de mil composições originais, Ellington deixou um legado musical sem igual. No palco, Zé Maria, Zezo Olímpio, Alex Rocha, Dan Sebastian e Roberto Rutigliano interpretam clássicos como ‘Satin Doll’, ‘Prelude to a Kiss’ e ‘My Little Brown Book’, entre outras joias atemporais do mestre.



Reprodução

‘Chanson’ à brasileira

O cantor e compositor francês Aymeric se apresenta nesta quarta (4), às 20h30, no Little Club, no Beco das Garrafas. Radicado em São Paulo há quinze anos, o músico ficou conhecido por veicular em suas redes sociais versões em francês de clássicos da MPB, como ‘Garota de Ipanema’, ‘Chega de Saudade’ e ‘Wave’, elogiadas por artistas como Chico César e Zé Roberto. O espetáculo ‘Chanson do Brasil’ reúne justamente essas releituras, alguns sucessos da chanson francesa e composições autorais em português.

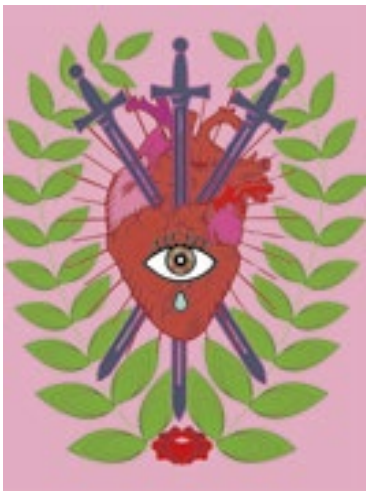


Divulgação

Divulgação



'Despintura', de Cláudia Tavares



'Coração Anatômico', de Gigi Wanderley

na Terra, Badu Morais e Matheuzza Xavier), intercaladas entre fotografias, obras têxteis e ilustrações das artistas plásticas Cláudia Tavares, Giselle Wanderley, Clara Mazini e Fabíola Trinca que evocam o espaço doméstico. São as Áudio-Histórias, peça central da mostra: relatos que habitam o tempo lento de quem aprende a nomear o que viveu.

A saída do labirinto não é o fim — é o começo do segundo percurso. Lá, uma videodança abre o corpo para outro vocabulário: o da liberdade. Da reconstrução. Do autoamor redescoberto. “Sobreviventes é sobre como cada uma dessas mulheres passou a reconstruir seus sonhos, encontrando novos projetos de vida após saírem da situação de violência. É sobre os futuros possíveis e as descobertas de se viver em liberdade”, diz a curadora.

O Brasil ainda convive com índices alarmantes de feminicídio — a maioria dos casos dentro do próprio lar —, mesmo após a Lei Maria da Penha (2006) e a Lei do Feminicídio (2015). Para Maria da Penha, fundadora e presidente de honra do instituto que leva seu nome, a exposição amplifica uma narrativa urgente. “Precisamos falar das sobreviventes não somente como exceções diante das estatísticas avassaladoras do feminicídio, mas também como mulheres que seguem existindo e que encontram na liberdade um horizonte de possibilidades”, destaca.

Com apoio do Instituto Maria da Penha e do Ministério Público do Rio de Janeiro, a exposição faz da arte uma ferramenta de orientação concreta. Ao fim da visita, o público pode levar panfletos com informações sobre como pedir ajuda. No site da mostra, há caminhos detalhados para realizar denúncias, solicitar medida protetiva e registrar boletim de ocorrência online.

LABIRINTOS TÊM uma saída

Exposição no Centro de Artes UFF propõe travessia sensorial pela vida de mulheres

Divulgação



'Respiro', de Clara Mazini



'Casulo', de Fabíola Trinca

AFFONSO NUNES

Todo labirinto tem uma saída. Essa é a premissa mais e, por que não radical, de “Sobreviventes”, exposição que ocupa o Centro de Artes UFF, em Ni-

terói, a partir desta quarta-feira (4). Com curadoria da cineasta Juliana Gouveia, a mostra multiplataforma começa exatamente onde tantas histórias parecem não ter continuidade: no interior de um labirinto.

Metáforas à parte, Juliana escolheu o labirinto como estrutu-

ra central da experiência porque ele é, antes de tudo, uma sensação familiar para mulheres em situação de violência doméstica. “A violência doméstica dá essa sensação de aprisionamento, de não haver saída. Mas há saída, e essas sete histórias mostram caminhos possíveis para romper o ciclo”, ex-

plica a idealizadora, que atua no cinema desde 2009 com foco em narrativas femininas.

Dentro do labirinto, o público não encontra o Minotauro, mas vozes. Sete vozes, reais, interpretadas por atrizes convidadas (Helen Salgado, Thais Peixoto, Regina Elena, Zeza Barral, Julia-

SERVIÇO

SOBREVIVENTES

Centro de Artes UFF (Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí - Niterói)
De 4/3 a 12/4,
Entrada franca